

«Nada existe que seja bom ou mau, mas o pensamento assim o torna.»

*Hamlet*, WILLIAM SHAKESPEARE



PRIMEIRA PARTE

# O TRUQUE

## O TRUQUE

Há dois miúdos, rapazes, sentados muito juntos, aconchegados entre os grandes braços de um velho cadeirão. Tu és o da esquerda.

O calor que emana do outro rapaz convida-te a encostares-te mais a ele. Depois ele desvia o olhar do televisor para ti, como se fosse em câmara lenta.

— Estás a gostar? — pergunta ele.

Tu acenas afirmativamente. Ele põe o braço à volta dos teus ombros e vira-se novamente para o ecrã.

Depois disso, ambos querem experimentar fazer a cena do filme. Tiram disfarçadamente a grande caixa de fósforos da gaveta da cozinha e correm para os bosques, levando-a consigo.

Tu és o primeiro a tentar. Acendes o fósforo e segura-lo entre o polegar e o indicador, deixando-o queimar até se apagar. Os teus dedos estão queimados, mas continuam a segurar o fósforo enegrecido.

O truque funciona.

O outro rapaz também tenta fazê-lo. Só que não consegue — deixa cair o fósforo.

Depois acordas e lembras-te onde estás.

## A JAULA

O truque é não te importares. Não te importares com o facto de doer, não te importares com rigorosamente nada.

O truque de não te importares é essencial, é o único truque que existe na cidade. Só que isto não é uma cidade, é uma jaula colocada ao lado de uma cabana, rodeada por um monte de colinas, de árvores e de céu.

É uma jaula de um só truque.

## FLEXÕES

A rotina não é má.

Acordar sob o céu e sob o vento não é mau. Acordar numa jaula com algemas é que o é. Não podes permitir que a jaula te afete. As algemas cortam-te os pulsos, mas saras depressa e com facilidade, por isso não tens por que te importar.

A jaula está muito melhor agora, que tem as peles de cordeiro. São quentes, mesmo quando estão húmidas. A lona que cobre a extremidade norte também foi uma grande melhoria. Abriga-te do pior do vento e da chuva e dá-te um bocadinho de sombra quando está quente e o sol brilha. Que piada! Também tens de manter o teu sentido de humor.

Então, a rotina é acordar quando o céu começa a clarear, antes do nascer do Sol. Não tens de mexer um músculo, nem sequer tens de abrir os olhos para saberes que está a ficar de dia, basta-te ficares ali deitado e absorveres tudo.

É a melhor parte do dia.

Não há muitos pássaros por ali, alguns, mas não muitos. Seria bom saber os nomes de todos os pássaros, mas conheces os diferentes cantares deles. Não há gaivotas, e isso dá que pensar, e também não há vestígios de fumo. Normalmente, na calma que antecede a madrugada, o vento é fraco, e, de certo modo, o ar já parece mais quente à medida que o dia começa a clarear.

Agora já podes abrir os olhos, e tens uns minutos para saborear o nascer do Sol, que hoje é uma fina listra cor-de-rosa que se estende ao longo do topo de uma estreita fila de nuvens que percorre o topo das longínquas colinas verdes. E ainda tens um minuto — talvez até dois — para pores a cabeça em ordem antes de ela aparecer.

Precisas de ter um plano e a melhor ideia é teres tudo planeado na noite anterior para o poderes pôr em prática sem sequer pensares no assunto. Em grande medida, o plano é fazeres o que te mandam, mas não todos os dias, e não hoje.

Esperas até que ela apareça e que te atire as chaves. Apanhas as chaves, abres os grilhões que te prendem os tornozelos, esfrega-los bem para lhe mostrares a dor que ela te está a infligir, abres a algema do pulso esquerdo, depois abres a do pulso direito, levantas-te, destrancas a porta da jaula, atiras as chaves de volta para ela, abres a porta da jaula, saís lá de dentro mantendo a cabeça baixa, nunca a olhas nos olhos (a menos que isso seja parte de um outro plano qualquer), esfregas as costas e talvez gemas um bocado, caminhas até à horta e fazes chichi.

Às vezes ela tenta baralhar-te, evidentemente, mudando a rotina. Às vezes ela quer que faças as tarefas domésticas antes de fazeres os exercícios, mas a maior parte dos dias começa com as flexões. Vais ficar a saber qual das opções é que ela escolheu ainda antes de acabares de apertar as calças.

— Cinquenta.

Ela diz aquilo em voz baixa. Sabe que estás atento.

Como sempre, levas o teu tempo. Isso é sempre uma parte do plano.

Fazê-la esperar.

Esfregas o pulso direito. A pulseira de metal corta-te a carne quando as algemas estão postas. Saras a ferida e sentes um leve entusiasmo. Rodas a cabeça, depois os ombros, depois novamente a cabeça e por fim ficas ali parado durante mais um ou dois segundos, provocando-a até ao limite, antes de te deitares no chão.

<i>Um</i>	O truque é
<i>Dois</i>	não te importares.
<i>Três</i>	É o único
<i>Quatro</i>	truque.
<i>Cinco</i>	Mas há
<i>Seis</i>	um monte de
<i>Sete</i>	táticas.
<i>Oito</i>	Um monte delas.
<i>Nove</i>	Estar sempre
<i>Dez</i>	atento.
<i>Onze</i>	Sempre.
<i>Doze</i>	E é

<i>Treze</i>	fácil.
<i>Catorze</i>	Porque não há
<i>Quinze</i>	mais nada
<i>Dezasseis</i>	para fazer.
<i>Dezassete</i>	Estar atento a quê?
<i>Dezoito</i>	A qualquer coisa.
<i>Dezanove</i>	A tudo.
<i>Vinte</i>	Atento
<i>Vinte e um</i>	a
<i>Vinte e dois</i>	tudo.
<i>Vinte e três</i>	A um erro.
<i>Vinte e quatro</i>	A uma oportunidade.
<i>Vinte e cinco</i>	A um deslize.
<i>Vinte e seis</i>	Ao mais
<i>Vinte e sete</i>	pequeno
<i>Vinte e oito</i>	erro
<i>Vinte e nove</i>	cometido pela
<i>Trinta</i>	Bruxa
<i>Trinta e um</i>	Branca
<i>Trinta e dois</i>	do
<i>Trinta e três</i>	Inferno.
<i>Trinta e quatro</i>	Porque ela comete
<i>Trinta e cinco</i>	erros.
<i>Trinta e seis</i>	Oh, sim.
<i>Trinta e sete</i>	E se o erro que ela cometer
<i>Trinta e oito</i>	não der em
<i>Trinta e nove</i>	nada,
<i>Quarenta</i>	tu esperas
<i>Quarenta e um</i>	pelo próximo erro
<i>Quarenta e dois</i>	e pelo erro seguinte
<i>Quarenta e três</i>	e por mais um erro.
<i>Quarenta e quatro</i>	Até
<i>Quarenta e cinco</i>	que
<i>Quarenta e seis</i>	consigas.
<i>Quarenta e sete</i>	Até
<i>Quarenta e oito</i>	seres
<i>Quarenta e nove</i>	livre.

Levantas-te. Ela esteve a contar, mas o facto de não deixares que ela se aperceba de que tu sabes é outra tática.

Ela não diz nada, mas dá um passo em direção a ti e dá-te uma bofetada na cara com as costas da mão.

*Cinquenta*

— Cinquenta.

Depois das flexões só tens de ficar em pé e esperar. O melhor é olhares para o chão. Estás parado ao lado da jaula, no caminho. O caminho está lamacento, mas não o vais varrer, não hoje, não com este plano. Choveu muito durante os últimos dias. O outono está a aproximar-se rapidamente. Ainda assim, hoje não está a chover e as coisas já estão a correr bem.

— Faz o circuito externo. — Ela volta a falar em voz baixa. Não tem necessidade de levantar a voz.

E tu preparas-te para começar a correr... mas ainda não. Tens de fazer com que ela continue a pensar que estás a agir como de costume — a fazer-te de difícil, mas, apesar de tudo, sendo obediente —, e por isso bates com as botas para tirar a lama, o calcanhar da bota esquerda contra a biqueira da bota direita, seguido do calcanhar da bota direita contra a biqueira da bota esquerda. Levantas uma das mãos e olhas em volta como se estivesses a verificar a direção do vento, cospes para as batatas, olhas para a esquerda e para a direita como se estivesses à espera de um intervalo no trânsito... deixas passar um autocarro... e depois desatas a correr.

Ultrapassas o muro de pedra de um salto, passando por cima e para o outro lado, e depois atravessas a charneca em direção às árvores.

Liberdade.

Quem te dera!

Mas tu tens um plano, e aprendeste muita coisa no espaço de quatro meses. O tempo mais rápido em que conseguiste fazer o circuito externo para ela foi quarenta e cinco minutos. Consegues fazê-lo em menos do que isso, talvez em quarenta minutos, porque paras junto do ribeiro que existe na extremidade mais distante, descansas e bebes água, escutas e olhas em volta, e uma vez conseguiste alcançar a cumeeira e ver o que estava para além dela, mais colinas, mais árvores e uma lagoa (pode ser que seja um lago, mas há qualquer coisa nos campos de urze e na duração dos dias de verão que te diz que é uma lagoa).

Hoje o plano é acelerares na subida quando estiveres fora do alcance da vista dela. É fácil. Fácil. A dieta que ela te obriga a seguir

é ótima. Tens de lhe dar algum crédito, porque estás supersaudável, super em forma. Carne, legumes, mais carne, mais legumes e, não te esqueças, muito ar puro. Oh, que bela vida!

Estás a ir bem. Manténs um bom ritmo. O teu melhor ritmo.

E estás entusiasmado, o facto de estares a curar-te da pequena bofetada que ela te deu está a deixar-te entusiasmado, muito entusiasmado.

Já estás na extremidade mais distante, onde podias voltar para trás para fazer o circuito interior que, na verdade, é apenas metade do circuito externo. Mas ela não quis que fizesses o circuito interior, e tu vais fazer o circuito externo exatamente como ela te mandou fazer.

Tem de ser o teu melhor tempo até agora.

E depois sobes até à cumeeira.

E deixas que a gravidade te leve para baixo em passos largos, até ao ribeiro que conduz à lagoa.

Agora as coisas ficam mais complicadas. Agora já estás fora da área do circuito e em breve estarás extremamente afastado. Ela não saberá que te foste embora até perceber que estás atrasado. Isso dá-te vinte e cinco minutos desde o momento em que saís do circuito — talvez te dê trinta ou trinta e cinco minutos, mas o melhor é contares apenas com vinte e cinco antes de ela vir atrás de ti.

No entanto, o problema agora não é ela, o problema é a pulseira. Parte-se e abre-se quando te afastas demasiado. Não sabes como é que funciona, se é através da magia ou da ciência, mas vai partir-se e abrir-se. Ela disse-te isso no Primeiro Dia, e disse-te que a pulseira contém um líquido, um ácido. Se te afastares demasiado, o líquido derramar-se-á e o ácido irá queimar-te e corroer o teu pulso.

— Vai desfazer-te a mão. — Foi isto que ela te disse.

Agora estás a descer a colina. Ouves um clique... e começa a sentir as queimaduras.

Mas tens um plano.

Paras e mergulhas o pulso no ribeiro. O ribeiro ferve. A água ajuda, apesar de se tratar de uma poção estranha, viscosa e peganhenta, que não sai facilmente quando lavas o pulso. E a pulseira ainda vai libertar mais ácido. E tu tens de continuar.

Pões musgo e turfa molhados em volta da pulseira e voltas a mergulhar o pulso na água. Voltas a pôr mais musgo e turfa. Está a demorar demasiado. Põe-te a andar.

Desce a colina.

Segue o ribeiro.

O truque é não te importares com o teu pulso. As tuas pernas estão ótimas. Estás a cobrir muito terreno.

E, de qualquer maneira, perder uma mão não é assim tão mau. Podes substituí-la por qualquer coisa fixe... um gancho... ou uma garra com três espigões, como o tipo do filme *O Dragão Ataca...* ou talvez qualquer coisa com lâminas que fiquem escondidas mas que, quando lutas, saem para fora com um barulho assustador, *catchink...* ou até chamas... mas nem pensar em pores uma mão artificial, isso é mais do que certo... nem pensar!

Sentes a cabeça a rodar. Mas também a zumbir de entusiasmo. O teu corpo está a tentar curar o pulso. Nunca se sabe, pode ser que ainda te safes desta com as duas mãos. Ainda assim, o truque é não te importares. Seja como for, já saíste.

Tens de parar. Voltar a mergulhar o pulso no ribeiro, pôr mais musgo e turfa e pores-te a andar.

Estás quase a chegar à lagoa.

Quase.

Sim! A água está fria como gelo.

Estás demasiado lento. Avançar a nadar é lento, mas sabe bem manter o braço dentro de água.

Limita-te a continuar a avançar.

Continua a avançar.

É uma lagoa enorme. Mas não faz mal. Quanto maior, melhor. Significa que a tua mão fica mais tempo dentro de água.

Começas a sentir-te enjoado... ughhh...

Porra, a mão está uma miséria. Mas, pelo menos, a pulseira deixou de libertar ácido. Vais conseguir escapar. Derrotaste-a. Podes ir procurar a Mercury. Vais receber três dons.

Mas tens de continuar a avançar.

Daqui a um minuto chegas ao fim da lagoa.

Estás a ir bem. Estás a ir bem.

Já falta pouco.

Daqui a nada consegues olhar para além do vale e...

## PASSAR A FERRO

— Ias ficando sem a mão.

A mão está pousada em cima da mesa da cozinha, ainda presa ao teu braço pelo osso, pelos músculos e pelos tendões que se conseguem ver pela abertura em carne viva que te rodeia o pulso. A pele que costumava cobri-la formou pequenos rios que parecem lava que escorre pelos teus dedos como se tivesse derretido e voltado a endurecer. Toda a tua mão está a ficar inchada e dói como... bem, como uma queimadura feita por ácido. Os teus dedos contorcem-se, mas o polegar não se mexe.

— Pode ser que consigas sarar de modo a poderes voltar a usar os dedos. Ou pode ser que não.

Ela tirou a pulseira do teu pulso na lagoa e untou a ferida com uma loção que atenuou a dor.

Ela estava preparada. Ela está sempre preparada.

E como é que ela conseguiu lá chegar tão depressa? Terá ido a correr? Terá ido a voar num raio de uma vassoura?

Fosse como fosse que ela tivesse chegado à lagoa, tu tiveste de a acompanhar de volta. E foi uma caminhada dura.

— Porque é que não falas comigo?

Ela está mesmo à frente da tua cara.

— Estou aqui para te ensinar, Nathan. Mas tens de parar de tentar fugir.

Ela é tão feia que tu tens de virar a cara.

Há uma tábua de passar a ferro montada do outro lado da mesa da cozinha.

Será que ela estava a passar a ferro? A passar a ferro as calças da tropa?

— Nathan. Olha para mim.

Tu manténs os olhos fixos no ferro.

— Eu quero ajudar-te, Nathan.

Tu puxas uma grande bola de saliva, voltas-te e cospes. Mas ela é rápida a desviar-se para trás e o cuspo aterra na camisa dela em vez de lhe acertar na cara.

Ela não te bate. O que constitui uma novidade.

— Precisas de comer. Vou aquecer um bocado de guisado.

Aquilo também é uma novidade. Normalmente, és tu que tens de cozinhar, limpar e varrer.

Mas nunca tiveste de passar a ferro.

Ela dirige-se para a despensa. Não tem frigorífico. Não tem eletricidade. Há apenas um fogão a lenha. Também faz parte das tuas tarefas domésticas acender o lume e limpar o fogão.

Enquanto ela está na despensa, tu vais dar uma olhadela ao ferro de engomar. As tuas pernas estão fracas, trémulas, mas a tua cabeça está límpida. Suficientemente límpida. Talvez um bocadinho de água ajudasse, mas queres ver o ferro de engomar. É só um pedaço de metal, em forma de ferro de engomar, com uma pega em metal, velho. É pesado e está frio. Deve ser necessário aquecê-lo no fogão a lenha para o pôr a funcionar. Deve demorar séculos. Ela está a quilómetros de tudo e de todos e, mesmo assim, engoma as calças e as camisas!

Quando ela regressa, uns segundos depois, tu estás atrás da porta da despensa e baixas o ferro de engomar com toda a força, com a extremidade afilada virada para baixo, contra a cabeça dela.

Mas ela é tão alta e tão diabolicamente rápida. O ferro de engomar atinge-lhe a têmpora e bate-lhe no ombro.

E tu ficas estatelado no chão, agarrado às orelhas, a olhar para as botas dela antes de desmaiars.

## O TRUQUE NÃO FUNCIONA

Ela está a falar, mas tu não consegues perceber o que ela está a dizer.

Estás outra vez sentado à mesa da cozinha, a transpirar e a tremer um bocado, e tens sangue a escorrer do ouvido esquerdo para o pescoço. Aquele ouvido não vai sarar. Não consegues ouvir nada daquele lado. E o teu nariz está feito num oito. Deves ter aterrado em cima dele quando caíste. Está partido, entupido e ensanguentado, e também não irá sarar.

A tua mão está pousada em cima da mesa e agora está tão inchada que não consegues de todo mexer os dedos.

Ela está sentada numa cadeira ao teu lado e está outra vez a untar-te o pulso com a loção. É fresca e entorpece a dor.

Seria bom que conseguisses ficar assim entorpecido em todo o lado, entorpecido contra tudo aquilo. Mas isso não vai acontecer. O que vai acontecer é que ela vai fechar-te novamente dentro da jaula, prender-te com os grilhões, e aquilo vai continuar e continuar, eternamente...

E, portanto, o truque não funciona. Não funciona e tu importas-te, importas-te com tudo aquilo. Não queres voltar para a jaula e já não queres o truque. Não queres nada daquilo, nunca mais.

O corte na cabeça dela já sarou, mas vê-se uma grande cicatriz com uma crosta preta e avermelhada por baixo do cabelo loiro e tem sangue no ombro. Ainda está a falar sobre qualquer coisa, com os lábios gordos e trémulos a mexerem-se sem parar.

Tu olhas em volta da divisão. Olhas para o lava-loiça para a janela que dá para a horta e para a jaula, para o fôgão a lenha, para a tábua de passar a ferro, para a porta da despensa e novamente para a mulher feia

com calças bem engomadas. E botas engraxadas. E, preso na bota, vês o canivete dela. Às vezes ela guarda-o ali. Viste-o quando estavas caído no chão.

Como estás com tonturas, é fácil baloiçares e caíres de joelhos. Ela agarra-te pelos sovacos, mas a tua mão esquerda não está ferida e consegue agarrar o canivete e tirá-lo da bota enquanto ela se debate com o teu peso morto. E, enquanto tu te deixas cair ainda mais, levavas a lâmina à jugular dela. Depressa e com força.

Mas ela é demasiado rápida, diabolicamente rápida, e tu dás pontapés e debates-te e debates-te e dás pontapés, mas ela tira-te o canivete e tu já não tens mais forças para dares pontapés e para te debateres mais.

De volta à jaula. Algemado. A noite passada estiveste sempre a acordar... a transpirar profusamente... o ouvido ainda não funciona... estás a respirar pela boca porque tens o nariz entupido. Ela até te algemou o pulso magoado e o braço está tão inchado que a algema te fica apertada.

O fim da manhã já chegou mas ela ainda não te veio buscar. Está a fazer qualquer coisa na cabana. A bater em qualquer coisa. Vês fumo a sair da chaminé.

Hoje está calor, há uma brisa de sudoeste, as nuvens deslocam-se silenciosamente pelo céu e o sol vai aparecendo de vez em quando, tocando-te no rosto e lançando as sombras das grades da jaula sobre as tuas pernas. Mas tu já viste tudo isto antes, por isso fechas os olhos e recordas coisas. Às vezes não faz mal fazer isso.



SEGUNDA PARTE

COMO EU FUI PARAR  
A UMA JAULA

## A MINHA MÃE

Estou em bicos de pés. A fotografia está em cima da mesa da entrada, mas não consigo vê-la bem. Estico-me e estico-me e toco na moldura com as pontas dos dedos. É pesada e cai ao chão com um estrondo.

Sustenho a respiração. Não aparece ninguém.

Pego cuidadosamente na moldura. O vidro não se partiu. Sento-me debaixo da mesa, com as costas contra a parede.

A minha mãe é linda. A fotografia foi tirada no dia do casamento dela. Está a olhar para o Sol com os olhos semicerrados, com o brilho do Sol refletido no cabelo, um vestido branco, flores brancas na mão. O marido está ao lado dela. É bonito e está a sorrir. Eu tapo a cara dele com a mão.

Não sei durante quanto tempo fico ali sentado. Gosto de olhar para a minha mãe.

A Jessica aparece. Tinha-me esquecido de ficar atento à vinda dela. Ela pega na moldura.

Eu não a largo. Continuo a agarrá-la. Com força.

Mas as minhas mãos estão transpiradas.

E a Jessica é muito maior do que eu. Ela dá um puxão com toda a força, obrigando-me a levantar, e a moldura desliza das minhas mãos. Ela levanta-a bem alto com o braço esquerdo e depois baixa-a na diagonal, cortando-me a maçã do rosto com a extremidade da moldura.

— Nunca mais voltas a tocar nesta fotografia.

## A JESSICA E A PRIMEIRA NOTIFICAÇÃO

Estou sentado na minha cama. A Jessica também está sentada na minha cama, a contar-me uma história.

— A Mãe pergunta: «Vieram para o levar embora?»

»A mulher jovem que está na porta de entrada diz: «Não. De maneira nenhuma. Nunca faríamos isso.» A mulher jovem é sincera e está empenhada em fazer um bom trabalho, mas é extremamente ingênua.

Eu interrompo-a. — O que é que quer dizer «ingênua»?

— Ignorante. Idiota. Burra. Como tu. Percebeste?

Aceno que sim.

— Muito bem. Agora ouve. A mulher ingênua diz: «Estamos a visitar todos os Bruxos Brancos de Inglaterra para os notificar das novas regras e para os ajudar a preencher os formulários.»

»A mulher sorri. O Caçador que está parado atrás dela não sorri. Está vestido de preto da cabeça aos pés, como todos eles. É impressionante, alto, forte.

— E a mãe? Está a sorrir?

— Não. Depois de tu nasceres, a mãe nunca mais voltou a sorrir. Como a Mãe não responde, a mulher do Conselho esboça uma expressão preocupada. E diz: «A senhora recebeu a Notificação, não recebeu? É muito importante.»

»A mulher procura por entre os papéis que tem na pasta e puxa uma carta para fora.

A Jessica segura um pergaminho na mão e abre-o. É um pergaminho grosso e grande, e as dobras desenhavam a marca profunda de uma cruz. Ela segura delicadamente no pergaminho, como se fosse precioso, e lê:

*Notificação da Resolução do Conselho de Bruxos Brancos de Inglaterra, da Escócia e do País de Gales*

Foi acordado que, para facilitar uma maior proteção a todos os Bruxos Brancos, deverá ser criado e mantido um registo de todos os bruxos existentes na Grã-Bretanha.

Será utilizado um sistema de codificação simples para todos os bruxos e aprendizes (bruxos menores de 17 anos) cujos pais não sejam Bruxos Brancos puros, sendo utilizadas as seguintes referências: Brancos (B), Negros (N) ou Fulvos/Não Bruxos (F). De acordo com isto, os bruxos de Código Misto serão registados como B 0,5/N 0,5 e os bruxos de Sangue Misto serão registados como B 0,5/F 0,5 ou como N 0,5/F 0,5. O código da mãe corresponderá ao primeiro código e o código do pai corresponderá ao segundo código. Os códigos 0,5 serão mantidos durante o espaço de tempo mais curto possível (e nunca depois dos 17 anos) até que possa ser atribuído à pessoa em questão um código absoluto (B, N ou F).

— Sabes o que é que isso significa? — pergunta-me a Jessica.  
Abano a cabeça negativamente.

— Significa que tu és um Código Misto. Um Código Negro. Um Não Branco.

— A avozinha diz que eu sou um Bruxo Branco.

— Não, não diz.

— Ela diz que eu sou Meio Branco.

— Tu és Meio Negro.

*»Depois de a mulher ter terminado a leitura da Notificação, a Mãe continua a não dizer nada, mas vai para dentro de casa deixando a porta da entrada aberta. A mulher e o Caçador seguem-na para dentro de casa.*

*»Estamos todos na sala de estar. A Mãe está sentada no cadeirão ao lado da lareira, mas a lareira não está acesa. A Deborah e o Arran estiveram a brincar no chão, mas agora estão sentados nos braços do cadeirão, um de cada lado dela.*

— Onde é que tu estás?

— De pé, mesmo ao lado dela.

Imagino a Jessica ali parada, de braços cruzados, com os joelhos hirtos.

— *O Caçador fica parado junto da porta.*

*»A mulher com a pasta senta-se na ponta do outro cadeirão, com a pasta pousada em cima dos joelhos firmemente apertados, de caneta na mão. Depois,*

vira-se para a Mãe e diz: «Provavelmente, é mais fácil e mais rápido se eu preencher o formulário e a senhora se limitar a assiná-lo.»

»A mulher pergunta: «Quem é o chefe de família?»

»A custo, a Mãe responde: «Sou eu.»

»A mulher pergunta à Mãe qual é o nome dela.

»A Mãe diz que se chama Cora Byrn. Que é uma Bruxa Branca. Filha de Elsie Ashworth e de David Ashworth. Também eles Bruxos Brancos.

»A mulher pergunta-lhe quem são os filhos.

»A Mãe responde: «Jessica, oito anos. Deborah, cinco anos. Arran, dois anos.»

»A mulher pergunta: «Quem é o pai deles?»

»A Mãe responde: «Dean Byrn. Bruxo Branco. Membro do Conselho.»

»A mulher pergunta: «Onde é que ele está?»

»A Mãe responde: «Está morto. Foi assassinado.»

»A mulher diz: «Lamento.»

»Depois a mulher pergunta: «E o bebé? Onde é que está o bebé?»

»A Mãe responde: «Está ali, naquela gaveta.»

A Jessica vira-se para mim e explica: — Depois de o Arran nascer, a mãe e o pai não queriam ter mais filhos. Deram o berço, o carrinho de bebé e todas as coisas de bebé. Este bebé não é desejado e tem de dormir em cima de uma fronha, dentro de uma gaveta, vestido com um pijama velho e sujo que era do Arran. Ninguém compra brinquedos nem presentes para este bebé, porque toda a gente sabe que ele não é desejado. Ninguém oferece presentes nem flores nem chocolates à mãe, porque todos sabem que ela não queria este bebé. Ninguém quer um bebé como este. A mãe só recebe um cartão de felicitações, mas não diz «Parabéns».

Silêncio.

— Queres saber o que é que o cartão diz?

Abano a cabeça afirmativamente.

— Diz: «Mata-o.»

Eu mordo os nós dos dedos, mas não choro.

— A mulher aproxima-se do bebé que está dentro da gaveta e o Caçador junta-se a ela porque quer ver esta criatura estranha e indesejada.

»Mesmo adormecido, o bebé é horrível e feio, com um corpinho enfezado, uma pele de aspeto macilento e cabelo negro e espetado.

»A mulher pergunta: «Ele já tem um nome?»

— A Mãe responde: «Nathan.»

A Jessica já arranjou maneira de dizer o meu nome como se fosse qualquer coisa nojenta.

— *A mulher jovem pergunta: «E o pai dele...?»*

»*A Mãe não responde. Não consegue, porque é tão horrível que ela não consegue suportar. Mas basta olhar para o bebê para toda a gente saber que o Pai dele é um assassino.*

»*A mulher diz: «Talvez a senhora possa escrever o nome do Pai do bebê.»*

»*E leva a pasta até junto da Mãe. E agora a Mãe está a chorar e nem sequer consegue escrever o nome. Porque é o nome do Bruxo Negro mais maldoso que alguma vez existiu.*

Eu quero dizer: — Marcus. — Ele é o meu pai e eu quero dizer o nome dele, mas tenho demasiado medo. Tenho sempre demasiado medo de dizer o nome dele.

— *A mulher volta para junto da gaveta para olhar para o bebê adormecido e estica o braço para lhe tocar...*

»*«Cuidado!», avisa o Caçador, porque, apesar de os Caçadores nunca terem medo, são sempre cuidadosos quando estão perto de Bruxaria Negra.*

»*A mulher diz: «É apenas um bebê.» E acaricia o braço nu do bebê com as costas dos dedos.*

»*E o bebê estremece e abre os olhos.*

»*A mulher exclama: «Oh, céus!», e dá um passo atrás.*

»*A mulher apercebe-se de que não devia ter tocado numa criatura tão horrível e corre para a casa de banho para lavar as mãos.*

A Jessica estica o braço como se me fosse tocar, mas depois afasta a mão e diz: — Nunca poderia tocar numa criatura tão má como tu.